

# Fetichismos e o culto do homem abstrato

## Fetishisms and the cult of the abstract man

*Oneide Bobsin*<sup>1</sup>

A teologia, de fato, não pode ser abstrata – se fosse abstrata, seria ideologia.  
(Papa Francisco)

Deus e o capital estariam de um lado, o homem concreto e necessitado e o diabo estariam do outro. Essa é a visão máxima da metafísica empresarial.<sup>2</sup>

### RESUMO

A análise do fetichismo, referido neste artigo, pauta-se pela crítica marxiana ao protestantismo como ‘culto do homem abstrato’. Desta forma, a abordagem do fetichismo da mercadoria, do dinheiro e do Capital caracteriza o protestantismo alemão como a religião que melhor se adequou ao modo de produção de mercadorias, visibilizando ou ocultando a divisão do trabalho social e a consequente exploração da classe trabalhadora em seus conflitos com os donos do Capital. Como a análise do fetichismo do Capital é um tema muito abrangente em Marx, vamos delimitar o tema a aspectos de *O capital* – Livro I e sua recepção na América Latina por parte de teólogos da libertação.

### PALAVRAS-CHAVE

Protestantismo; Fetichismo; Homem Abstrato.

### ABSTRACT

The analysis of fetishism, referred to in this article, is guided by the Marxian critique of Protestantism as “the cult of the abstract man”. In this

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia Política (PUC-SP), é professor da Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil.

<sup>2</sup> HINKELAMMERT, Franz. As raízes econômicas da Idolatria: A metafísica do empresário. In: *A luta dos deuses – Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982, p. 262.

way, the approach of the fetishism of commodity production, money and Capital characterizes German Protestantism as the religion that best suited the mode of production of commodities, making visible or hiding the division of social labor and the consequent exploitation of the working class in its conflicts with the owners of Capital. As the analysis of the fetishism of Capital is a very comprehensive theme in Marx, we will delimit the theme to aspects of Capital – Book I and its reception in Latin America by liberation theologians.

### KEYWORDS

Protestantism; Fetishism; Abstract Man.

### Apresentação do Problema – Introdução

No artigo anterior<sup>3</sup> abordamos o protestantismo em Marx considerando a fase em que o teórico alemão estava envolvido com suas análises críticas ao Estado Prussiano confessional luterano,<sup>4</sup> a alienação promovida no mundo do trabalho e as religiões de seu contexto como o catolicismo, o judaísmo de sua família e as sombras do pietismo alemão, o qual se contrapunha à ortodoxia luterana com um sentido pouco prático.<sup>5</sup> Sem romper com a sua crítica às religiões históricas de cunho universalizante, Marx avança para um enfoque diferente na economia política. Já havia anunciado em *Crítica da filosofia do Direito de Hegel* que “Na Alemanha, a crítica da religião está, no essencial, terminada: e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica”.<sup>6</sup> A crítica da religião não se

---

<sup>3</sup> BOBSIN, Oneide. Protestantismo em Marx – Economia e Teologia. *Reflexus*, Ano XIV, n. 24, p. 556-571, 2020/2. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/2389>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

<sup>4</sup> HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 290-292. O autor mostra que a Prússia se considerava um “Estado cristão”. Os professores e pastores eram controlados pelo Estado, não obstante por ele protegidos.

<sup>5</sup> DUSSEL, Enrique. *Las metáforas teológicas de Marx*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1993. p. 5-22. Dussel contextualiza em Palavras Preliminares o contexto político, filosófico, social e religioso e as influências que o levaram a problematizar o Fetichismo do Capital.

<sup>6</sup> MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843). São Paulo: Boitempo, 2013. p. 151.

volta mais para o outro mundo, mas para este, segundo Marx. Por esta razão, ele olha os seres humanos na sociedade. “O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade”.<sup>7</sup> Em outras palavras, não está assentado fora do mundo como um ser abstrato. Ainda assim é um passo intermediário da filosofia, da política para a economia política, mas é um deslocamento necessário para a formulação de sua economia política.

O ponto de partida da crítica ao Deus deste mundo, o Dinheiro,<sup>8</sup> conforme Mateus 6, 24, não é mais o Deus judaico-cristão do qual se confessa ateu a partir de seu período na França, por volta de 1843, após ser forçado a sair da Alemanha. Como periodista pequeno-burguês de um jornal liberal – *Gazeta Renana*,<sup>9</sup> Marx é um crítico do Estado Prussiano confessional luterano. Nessa fase rompe com as tradições judaico-cristãs e não se filia ao Deus secular do dinheiro, do qual é um duro crítico a partir do desenvolvimento de sua economia política que passa a nos interessar neste artigo.

## 1. Sutilezas metafísicas e melindres teológicos

Marx inicia a sua obra madura de economia política afirmando que “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual como uma forma elementar. Nossa investigação começa, por

---

<sup>7</sup> MARX, 2013, p. 151.

<sup>8</sup> DUSSEL, 1993, p 201. Nota 23. Marx usa o termo *Mammón*, conforme sua análise do Evangelho de Mateus, 6.24. As citações bíblico-teológicas de Marx, conforme Dussel, tornam-se neste artigo fontes secundárias, em razão da falta de acesso a obras em alemão.

<sup>9</sup> NETTO, José Paulo. *Karl Marx – Uma Biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 60-88. Em Paris, um grande mundo se abre para Marx, deslocando-se da filosofia para a economia política, de cujas reflexões vai se ocupar até o final da vida, com ênfase no fetichismo. “Tal inflexão sinaliza, de fato, a fronteira entre um antes e um depois na inteira trajetória de Marx. No princípio do outono de 1843, ele ainda considerava o comunismo ‘uma abstração dogmática’ (citado em Cottret, 2010, p. 63); em março de 1844, ele enuncia a sua primeira profissão de fé comunista (Mandel, 1968, p. 16). Essa inflexão, operada em Paris, expressa a transformação mais decisiva de toda a vida de Marx: na capital francesa, o democrata radical torna-se comunista”. NETTO, 2020, p. 77-78. Também torna-se um teórico vinculado ao proletariado.

isso, com a análise da mercadoria”.<sup>10</sup> Assim, o processo de investigação inverte a longa pesquisa sobre o modo de produção capitalista, que talvez devesse ter sido iniciada pela circulação do capital em escala internacional. Não, Marx começa por aquilo que estamos cercados, as mercadorias com o seu valor de uso e o valor de troca. A ênfase de sua pesquisa está no modo de produção capitalista, mas sem se desvincular do consumo que não estava em evidência como o capitalismo hodierno.

Enquanto teórico da economia política, Marx descobre que a mercadoria é mais do que um objeto externo. A mercadoria satisfaz uma necessidade humana com o seu valor de uso. Afirma que “[...] a natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão”.<sup>11</sup> Segue com muitos exemplos mostrando o valor de uso e o valor de troca até que descobre algo misterioso na mercadoria. É quando começa a falar do fetichismo embrionariamente. Algo trivial oculta-se no trabalho sob propriedade privada. “Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa intrincada, plena de sutilizas metafísicas e melindres teológicos.”<sup>12</sup>

Marx busca na materialidade das mercadorias exemplos que mostram as sutilizas e os melindres, por exemplo, de uma mesa. A mesa continua sendo madeira, ou seja, uma coisa comum.

Mas tão logo aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível – suprassensível.\*<sup>13</sup> Ela não só se mantém com os pés no chão, mas põe-se de cabeça para baixo diante de todas as outras mercadorias, e em sua cabeça de madeira nascem minhocas que nos assombram muito mais do que se ela começasse a dançar por vontade própria.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> MARX, Karl. *O capital* – Livro 1. Críticas da Economia Política. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 113.

<sup>11</sup> MARX, 2013, p. 113.

<sup>12</sup> MARX, 2013, p. 146.

<sup>13</sup> Em nota de rodapé, conforme o original, traduz-se por \*Sinnlich übersinnliche, em referência à fala de Mefistófeles em Fausto, de Goethe, No jardim de Marta... (N. E. A. MEGA), apud MARX, 2013, p. 146.

<sup>14</sup> MARX, 2013, p. 146.

Segue com suas metáforas teológicas sem ser teólogo ao falar do “caráter místico da mercadoria”.<sup>15</sup> Esse caráter místico não é resultado de seu valor de uso. Ou seja, o valor de uso da mercadoria não oculta nenhuma sutileza teológica. Para encobrir segredos místicos a mercadoria precisa circular entre os seres humanos, revelando, assim uma forma social. Contudo, o mistério oculto na mercadoria no valor de troca se desfetichiza quando a “[...] forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais do seu próprio trabalho [...]”.<sup>16</sup> Então, numa primeira aproximação podemos falar do fetichismo da mercadoria, como encobrimento do trabalho alienado sob propriedade privada dos meios de produção.

Para chegar ao conceito de fetichismo Marx vai buscar uma analogia na “região nebulosa do mundo religioso”, sem se perguntar pela relação entre Estado e política e por Feuerbach para quem o mundo da religião é uma projeção do cérebro humano, cujos produtos parecem dotados de vida própria.<sup>17</sup> Deslocando-se desta projeção religiosa, Marx faz uma inversão:

Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias.<sup>18</sup>

O mundo das mercadorias, nas suas relações de troca, encobre o trabalho social entre os homens e mulheres. Sem esta possibilidade não há transparência em razão do trabalho alienado. Então, qual é a religião mais apropriada para este mundo das mercadorias com seus fetiches que ocultam as relações de exploração? Para Marx é o Cristianismo na sua forma protestante burguesa. Assim estamos no “objeto” de nosso artigo, que precisa ser contextualizado no *Capital*, Livro I, onde Marx aborda as diversas formas de fetiche: da mercadoria, do dinheiro e do capital, o que faremos a seguir:

---

<sup>15</sup> MARX, 2013, p. 146.

<sup>16</sup> MARX, 2013, p. 147.

<sup>17</sup> MARX, 2013, p. 148.

<sup>18</sup> MARX, 2013, p. 148.

Para uma sociedade de produtores de mercadorias, cuja relação social geral de produção consiste em se relacionar com seus produtores como mercadorias, ou seja, como valores, e, nessa forma reificada (*sachlich*), confrontar-se mutuamente seus trabalhos privados com trabalho humano igual, o Cristianismo com o seu culto do homem abstrato, é a forma de religião mais apropriada, especialmente em seu desenvolvimento burguês, como Protestantismo, Deísmo etc.<sup>19</sup>

Essa crítica de Marx ao protestantismo burguês, à primeira vista, parece um retorno à crítica da religião nas suas formas históricas de seu contexto alemão. Por um lado, podemos conceber Marx numa fase de transição para a economia política onde a crítica ao Protestantismo como religião burguesa já transita para uma análise da religião fetichizada “do homem abstrato” e do culto secular ao dinheiro. Como afirmamos acima, Marx não se pergunta pela função social e política da religião, mas antes envereda pela análise do fetichismo através de metáforas teológicas na análise das mercadorias que ocultam a produção do mais-valor pela exploração dos produtores de produtos que circulam como valores de troca.

Contudo, a transição de Marx para a economia política é marcada por transições ambivalentes. Logo após criticar o protestantismo na sua forma burguesa, que oculta a exploração e torna invisível pessoas históricas no processo de produção, ele retoma a discussão da tese irrealizada do fim da religião pela transparência das relações sociais dos produtores que também se tornam mercadorias:

O reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer quando as relações cotidianas da vida prática se apresentam diariamente para os próprios homens como relações transparentes e racionais que eles estabelecem entre si e a natureza. A figura do processo social de vida, isto é, o processo material de produção, só se livra de seu místico véu de névoa do processo material de produção de homens livremente socializados, encontra-se sob seu controle consciente e planejado.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> MARX, 2013, p. 154.

<sup>20</sup> MARX, 2013, p. 154.

O processo de produção de mercadorias e as relações sociais entre seus produtores e produtoras estão encobertos por um véu místico. Então, podemos deduzir que a crítica de Marx ao Protestantismo burguês de sua época consiste em afirmar, já na análise da economia política, que tal religião prega a homens abstratos e genéricos encobertos por um véu místico que inibe a percepção da exploração plasmada na mercadoria que se torna objeto vivo. Logo, o Protestantismo alemão passa a ser uma religião fetichizada distinta da função sócio-política do Judaísmo ou do Luteranismo sob o Estado Confessional prussiano.

A circulação das mercadorias por meio do dinheiro como vínculo universal, que torna mais invisível ou sem transparência as relações sociais da produção e na circulação, faz crescer o poder do dinheiro/ouro e da riqueza. Marx é mordaz na sua crítica: “O ouro é uma coisa maravilhosa! Quem o possui é senhor de tudo o que se deseja. Como o ouro pode-se até mesmo conduzir as almas ao paraíso”. (Colombo, em sua carta da Jamaica, 1503).<sup>21</sup> Em outras palavras, Marx continua sua crítica: “Como dinheiro não se pode perceber o que foi nele transformado, tudo, seja mercadoria ou não, transforma-se em dinheiro. Tudo se torna vendável e comprável”.<sup>22</sup> Segundo Marx, nem os ossos dos santos escapam a esta alquimia nem as mais delicadas *res sacrosanctae, extra commercium hominum* (coisas sagradas que não são objeto do comércio dos homens).<sup>23</sup> Assim Marx exemplifica o tema que estamos abordando, qual seja, como se passa do fetiche da mercadoria para o fetiche do dinheiro: “Como no dinheiro está apagada toda a diferença qualitativa entre as mercadorias, também ele, por suas vez, apaga, como leveller radical, todas as diferenças”.<sup>24</sup> Em nossas palavras, o fetiche se “espiritualiza” ou torna-se virtual no sentido de invisibilização, ou seja, torna-se um véu

<sup>21</sup> MARX, 2013, p. 205.

<sup>22</sup> MARX, 2013, p. 205.

<sup>23</sup> MARX, 2013, p. 205.

<sup>24</sup> MARX, 2013, p. 205. Marx deduz de William Shakespeare – Timon of Athens – o aspecto fulgurante do ouro. “(...) Oh! Isto desviará de vossas aras sacerdotes e servos, da cabeça dos doentes tirará o travesseiro. Este escravo amarelo os sacrossantos votos anula e quebra, lança a bênção nos malditos, amável deixa a lepra, dá estado aos ladrões e lhes concede títulos e homenagens lado a lado dos senadores, faz que novamente se case a viúva idosa. [...] Vamos poeira maldita, prostituta comum da humanidade”.

encobrendo a base material, reiterando, assim, o culto do homem abstrato que assume “[...] a população como abstração quando deixo de fora, por exemplo, as classes sociais constituídas. Essas classes, por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam. Por ex., trabalho assalariado, capital etc”.<sup>25</sup> Falta-nos ainda o passo do fetiche do dinheiro para o fetiche do Capital.

A maior invisibilização da metamorfose do dinheiro em capital não descola dos “melindres e sutilizas da mercadoria”. Todo este processo Marx quer revelar, pois aos olhos de todos está velado, encoberto. Como disse Marx, “O segredo da criação do mais valor tem, enfim, de ser revelado”.<sup>26</sup> Veremos, então, de forma sucinta a transformação do trabalho em capital, considerado que onde há igualdade não há lucro.<sup>27</sup>

A transformação do dinheiro em capital tem de ser explicada com base nas leis imanentes da troca de mercadorias, de modo que a troca de equivalentes seja o ponto de partida. Nosso possuidor de dinheiro, que ainda é apenas um capitalista em estado larval, tem de comprar as mercadorias pelo seu valor, vendê-las pelo seu valor e, no entanto, no final do processo, retirar da circulação mais valor do que nela lançara inicialmente.<sup>28</sup>

Na sequência da análise é possível deduzir que o capital não nasce apenas da circulação de mercadorias, mesmo que a força de trabalho torne-se mercadoria. Alguém precisa vender sua força de trabalho e outro precisa comprá-la. Assim Marx conclui o item *A transformação do dinheiro em capital*, afirmando:

O antigo possuidor de dinheiro se apresenta agora como capitalista, e o possuidor de força de trabalho, como o seu trabalhador. O primeiro,

---

<sup>25</sup> MARX, Karl. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboço da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 54. Antes da redação de O capital Marx foi esboçando em diversas fases, como se suas pesquisas fossem ensaios preliminares. Na segunda parte deste texto voltaremos ao assunto com a obra de Enrique Dussel: *Las metáforas teológicas de Marx*.

<sup>26</sup> MARX, 2013, p. 250.

<sup>27</sup> Dove è egualità non è lucro, Galiani, apud MARX, 2013, p. 233 (Nota 18).

<sup>28</sup> MARX, 2013, p. 240-241.



com um ar de importância, confiante e ávido por negócios; o segundo, tímido e hesitante, como alguém que trouxe sua própria pele ao mercado e, agora, não tem mais nada a esperar além da [...] despela.<sup>29</sup>

Em outras palavras, a vida do capital e as sutilezas das mercadorias nascem da transfiguração da vida dos operários. Nesse processo o “culto do homem abstrato” transforma-se em idolatria, assunto que abordaremos mais abaixo, na recepção de Marx por teólogos latino-americanos.

Cabe ainda revelar outros aspectos raramente considerados nas jornadas de trabalho pelo qual o trabalhador não é remunerado pela totalidade de horas, donde surge o capital. Não é só o trabalhador ou a trabalhadora, mas as crianças e jovens são devorados em suas vidas pelo capital. Raramente as crianças e jovens são lembrados em suas condições cruéis de produtores de mercadorias de mais-valor, essa diretamente proporcional às suas precárias condições de vida. Marx, portanto, vai além da crítica à exploração do trabalhador e da trabalhadora ao denunciar, por meio de agentes públicos de saúde e médicos, as condições precaríssimas das longas jornadas no capitalismo industrial da Inglaterra, onde a revolução industrial estava mais avançada durante período em que Marx viveu exilado naquele contexto, berço do capitalismo industrial cujo centro nevrálgico era a fábrica, hoje bastante decadente e, logo, diferente do formato dos séculos XVIII e XIX.

Com que fanatismo, de acordo com os depoimentos dos fabricantes nos tribunais, sua mão de obra fabril se recusava a interromper seu trabalho e demonstrado pelo seguinte fato curioso. No início de julho de 1836, os magistrados de Dewsbury (Yorkshire) foram informados de que os proprietários de oito grandes fábricas nas proximidades de Batley haviam violado a legislação fabril. Uma parte dos senhores foi acusada de ter obrigado 5 meninos, entre 12 e 15 anos de idade, a trabalhar 6 horas da manhã de sexta-feira até as 4 horas da manhã de sábado, sem lhes permitir qualquer pausa para descanso além de 1 hora para a refeição e uma hora de sono à meia-noite.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> MARX, 2013, p. 251.

<sup>30</sup> Reports etc. 31st Oct. 1860, p. 23, apud Marx, 2013, p. 316.

Quem eram os fabricantes condenados a pagar multas por desobediências à legislação fabril? Segunda a nota, eram quacres, uma corrente do Protestantismo. Eles foram comparados a raposas, segundo um romance de Dryeden, na pena poética de Marx: “Uma raposa, plena de santidade./ que mente como o diabo, mas tem medo do juramento,/ que apresenta penitências, mas lança um olhar lascivo./ E que não ousa pecar antes de ter rezado”.<sup>31</sup> As condições de trabalho das crianças são destacadas por Marx segundo country magistrate (magistrado municipal):

Crianças entre 9 e 10 anos de idade são arrancados de suas camas imundas às 2, 3,4 horas da manhã e forçadas a trabalhar, para a sua mera subsistência, até 10, 11, 12 horas da noite, enquanto seus membros se atrofiam, seus corpos se definham, suas faces desbotam e sua essência humana se enrijece inteiramente num torpor pétreo, cuja mera visão já é algo terrível. [...] O sistema, tal como o reverendo Montagu Valpy o descreveu, é ilimitada escravidão, e escravidão em sentido social, físico, moral e intelectual.<sup>32</sup>

As crianças, os jovens e os operários não são os únicos que perdem as suas vidas em longas jornadas de trabalhos. Marx cita uma moça de 20 anos de idade, “[...] empregada numa manufatura de modas deveras respeitável, fornecedora da Corte e explorada por uma senhora com o agradável nome de Elise”.<sup>33</sup> Outras moças chegaram a trabalhar 30 horas ininterruptas para concluir “[...] num piscar de olhos, os vestidos luxuosos das nobres damas para o baile em honra da recém-importada Princesa de Gales”.<sup>34</sup> Marx dá detalhes do excesso de trabalho contínuo de uma das melhores casas de moda de Londres. “Mary Anne Walkey adoeceu na sexta-feira e morreu no domingo. O médico atestou que ela havia morrido devido às longas horas de trabalho numa oficina superlotada e por dormir num cubículo demasiadamente estreito e mal ventilado”.<sup>35</sup> Na vida perdida para gerar riqueza expropriada por outras mulheres, Mary Anne Walkey representa a

---

<sup>31</sup> MARX, 2013, p. 316.

<sup>32</sup> Dayly Telegraph ( Londres), 17 jan. 1868, apud MARX, 2013, p. 318.

<sup>33</sup> MARX, 2013, p. 327-328.

<sup>34</sup> MARX, 2013, p. 328.

<sup>35</sup> MARX, 2013, p. 342.

condição das trabalhadoras na revolução industrial, cujos donos dos meios de produção fazem discursos em favor da família. De que família?

Como vemos, Marx se utiliza de relatórios de agentes públicos e de médicos que eram responsáveis por fiscalizar as condições de trabalho, já que havia uma legislação fruto das lutas dos trabalhadores e das trabalhadoras. Sua avaliação do nascimento do capital não descuida da vida das pessoas. “O capital não tem, por isso, a mínima consideração pela saúde e duração da vida do trabalhador, a menos que seja forçado pela sociedade a ter esta consideração”.

Na análise da jornada de trabalho Marx faz algumas referências ao Protestantismo. Cita o exemplo dos donos de empresas, os quacres. Também relembra o autor do *Essay on Trade and Commerce*: “Se descansar no sétimo dia é uma instituição divina, isso significa que os demais dias pertencem ao trabalho”.<sup>36</sup> Na mesma nota o Protestantismo é citado novamente: “O Protestantismo, já em sua transformação de quase todos os feriados tradicionais em dias de trabalho, desempenha um papel importante na gênese do capital”.<sup>37</sup> Mesmo que Max Weber continua sendo apresentado nas ciências sociais como antípoda de Marx, a supressão dos feriados santificados pelas igrejas protestantes deve ser atribuída à crítica marxiana como uma das origens do capital. Logo, o Protestantismo como “culto do homem abstrato” não só fetichiza pessoas históricas nas relações de trabalho; ele também colabora de forma religiosa para a gênese do capital, certamente em menor grau. Como vemos, a teoria do fetichismo mantém uma relação dialética com a crítica à religião da fase anterior da economia política.

## 2. O Fetichismo e o Deus deste Século<sup>38</sup>

Assmann e Mate, na Introdução à obra *Sobre La Religión – Karl Marx e Friedrich Engels*,<sup>39</sup> afirmam que “Seria ingênuo pensar que o

<sup>36</sup> *Essay on Trade and Commerce* apud Marx, 2013, p. 347

<sup>37</sup> MARX, 2013, p. 348.

<sup>38</sup> Usamos a expressão paulina “o deus deste mundo” igual a século, em razão da função do fetiche que obscurece a inteligência dos homens e das mulheres. 2 Coríntios 4.4.

<sup>39</sup> ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. Introducción. In: *Sobre la Religión – Karl Marx – Friedrich Engels*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979. p. 11-37.

Marx da crítica econômica renunciaria ao talento filosófico das etapas anteriores. Marx continuará insistindo na oposição irreduzível entre religião e emancipação. Deus e o homem. O homem religioso não anda por seu próprio pé senão apoiado na divindade.<sup>40</sup> A própria estrutura da *Introducción* às obras de Marx e Engels, no que tange à religião analisada por esses teólogos da Teologia da Libertação, parte da crítica política da religião, seguindo com a crítica econômica sem descolar da filosofia e da política. Com isto estamos novamente enfatizando o nosso foco na crítica econômica porque interessa-nos os fetichismos da mercadoria, do dinheiro e do capital, que estão demarcados na produção e circulação de mercadorias, distintas de economias pré-capitalistas. Em outras palavras, a análise do fetichismo trará uma nova luz sobre a crítica da religião anterior à análise da economia política nos marcos do modo de produção capitalista.<sup>41</sup>

Interessados em contestar o princípio da identidade advinda de Hegel e continuada em Marx, segundo a qual persiste a identidade entre o universal e o particular, que induziu Marx a não ver possibilidade da religião atuar como um fator de emancipação política, Assmann e Mate tangenciam de forma indireta a pergunta de Marx sobre o “Protestantismo como culto do homem abstrato” na sua forma burguesa.<sup>42</sup> Parece-nos que a nossa questão central está subsumida na questão geral da religião em Marx, segundo Assmann e Mate. No entanto, eles reconhecem, apesar da identidade entre o particular e o universal oriunda de Hegel, donde pode advir o conceito “o culto do homem abstrato”, uma percepção das condições concretas dos seres humanos e na vida prática.<sup>43</sup> Entre as opções apresentadas por Assmann e Mate, escolhemos uma:

<sup>40</sup> MARX; ENGELS, 1979, p. 25.

<sup>41</sup> MARX; ENGELS, 1979, p. 25. Marx analisa os modos de produção pré-capitalistas e constata neles o fetichismo, mas não na forma como ocorre sob a propriedade privada dos meios de produção. Na Idade Média, por exemplo, as pessoas são dependentes uma das outras, os servos dos senhores, os clérigos dos leigos. Em razão destas dependências os trabalhos e seus produtos não assumem uma forma fantasmagórica. MARX, 2013, p. 152.

<sup>42</sup> ASSMANN; MATE, 1979, p. 33.

<sup>43</sup> As Teses de Marx sobre Feuerbach (1845) escritas em Bruxelas se encontram nos cadernos de 1844-1847. Entre elas há duas teses importantes. Uma que afirma a necessidade do educar o educador para uma ação revolucionária e a oitava que afirma “A vida social é essencialmente prática”. MARX, Karl. Tesis sobre Feurbach (1845), 1979, p. 158- 161.

O caráter fetichista da mercadoria não é portanto uma criação da consciência alienada senão o contrário: e o efeito que toma a consciência a realidade das relações de produção. Seria inútil, por consequência, pretender eliminar o fetichismo lutando diretamente contra a consciência alienada. O fetichismo desaparecerá da consciência se antes desaparecerem as relações sociais que lhe dão vida.<sup>44</sup>

A superação do fetichismo não passa pela crítica anti-fetichista, mas pela práxis através da qual a filosofia é a cabeça e o proletariado é o coração, como já foi afirmado na *Introdução à Filosofia do Direito de Hegel*.<sup>45</sup> É instigante a pedagogia de Marx que passa pelas superações da vida concreta e prática, nada abstrata como em Hegel. Ou como projetos de pedagogias libertadoras que pretendem mudar o mundo pela consciência crítica anti-fetichista. Marx é, de certa forma, extremamente prático e poderia subsidiar uma prática pastoral. Mas isto será assunto para futuros textos sobre Protestantismo em Marx. Aqui queremos destacar a crítica ao “culto do homem abstrato”, pouco considerado em Assmann e Mate. No entanto, esses teólogos da libertação reconhecem que Marx supera a dicotomia entre teoria e práxis e se contrapõe ao Protestantismo como culto do homem abstrato:

Marx resolve a clássica distinção entre teoria e práxis na divisão do trabalho própria da sociedade burguesa entre capital e trabalho. A ‘pura’ teoria representa necessariamente os interesses da classe dominante. A maneira de superar o partidismo da ‘pura’ teoria – isto é, da ideologia – é confrontá-la com a práxis e fazendo-a surgir desta. A práxis – isto é, os interesses do proletariado – é universal porque o proletariado é capaz de superar a divisão de classes.<sup>46</sup>

Nosso foco tem o objetivo não se ater à crítica filosófica, política e ideológica da religião, a fim de enfatizar a crítica econômica pelo

---

<sup>44</sup> ASSMANN; MATE, 1979, p. 28.

<sup>45</sup> MARX, 2013, p. 163. A emancipação do alemão é a emancipação do homem, assim como a libertação do judeu também passa pela libertação da humanidade. A cabeça desta emancipação é a filosofia, o proletariado é o seu coração. O coração está na práxis de uma classe que é capaz de abolir todas as classes por ser universal. Os oprimidos são uma categoria por si só universal.

<sup>46</sup> ASSMANN; MATE, 1979, p. 33.

desmascaramento do fetichismo da circulação, mas, acima de tudo, da produção de mercadorias com o seu valor de troca. Neste sentido, Assmann e Mate afirmam:

Na crítica econômica da produção capitalista a crítica da religião tem, de novo, um lugar central. Não tanto no sentido de aliança do Cristianismo com a burguesia quanto na definição da essência mesma do tipo de produção capitalista; a mercadoria. A mercadoria é essencialmente fetichista, “religiosa”. O capitalismo se lhe parece a Marx um monstro religioso.<sup>47</sup>

Considerando que o caráter fetichista da mercadoria, do dinheiro e do capital dá ao modo de produção capitalista o caráter “religioso”, precisamos dar mais uns passos nas análises de Franz Hinkelammert, teólogo católico e economista, que desenvolveu pesquisas junto ao Departamento Ecuménico de Investigaciones.<sup>48</sup> Com Hinkelammert temos uma concepção marcadamente econômica do fetichismo que, segundo ele, o visível se torna invisível. O primeiro tópico de sua análise contempla, pois, a fetichização das relações econômicas que explicitam que os fetiches matam.<sup>49</sup> Isto é possível porque “O objeto da teoria do fetichismo é a invisibilidade do invisível e se refere aos conceitos dos coletivos nas ciências sociais”.<sup>50</sup>

Segundo Hinkelammert as instituições como empresas, escolas, um Estado não são vistas a olho nu. Vemos tão-somente os edifícios e as pessoas que nelas trabalham. “O conceito destas instituições, no entanto, se refere à totalidade de suas atividades e como tal se refere a um objeto invisível [...]. São vistas como fetiches”.<sup>51</sup> E tais fetiches são condicionados

<sup>47</sup> ASSMANN; MATE, 1979, p. 30

<sup>48</sup> DEI foi fundado em 1977 e tem se dedicado aos estudos e pesquisas sobre a Teologia da Libertação. Entre outro e outras, Assmann foi pesquisador do referido Departamento, como Hinkelammert continua na área de teologia e economia. DEPARTAMENTO ECUMÉNICO DE INVESTIGACIONES. Disponível em: <<https://www.deicr.org/>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

<sup>49</sup> HINKELAMMERT, Franz. *Las Armas Ideológicas de la Muerte*. San José – Costa Rica: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1981. p. 7.

<sup>50</sup> HINKELAMMERT, 1981, p. 8.

<sup>51</sup> HINKELAMMERT, 1981, p. 8.

pela divisão do trabalho, a qual decide no conjunto das instituições se o homem pode viver ou não.<sup>52</sup> Logo, o fetiche invisibiliza o fato de que as mercadorias se tornam sujeitos e as pessoas objetos. Daí o poder das relações mercantis fetichizadas sob a divisão do trabalho. Então, ao inviabilizar a transformação da mercadoria em sujeito que submete os seres humanos no processo produtivo, tornando-os objetos, ou seja, decide sobre vida e morte. Acima já destacamos a mesa como objeto vivo, que pode dançar no mundo das mercadorias. Assim, Hinkelammert nos mostra que o mundo das mercadorias, segundo Marx, é um mundo cheio de caprichos. A vida das mercadorias surge da perda da vida dos trabalhadores e das trabalhadoras.

O fetichismo da mercadoria revela um mundo caprichoso. Aparece toda a imagem do jogo das mercadorias. Elas lutam entre si, fazem alianças, bailam, peleiam, uma ganha, outra perde. Todas as relações que se podem formar entre os homens, se dão também entre as mercadorias. [...] As mercadorias agora estabelecem relações sociais entre si. Por exemplo: o salitre artificial luta com o salitre natural e o derrota; o petróleo luta com o carvão; a madeira com o plástico. O café baila nos mercados mundiais; o ferro e o aço estabelecem matrimônios.<sup>53</sup>

A suposta vida das mercadorias, frutos da ilusão de que os seus produtores estão submetidos a um trabalho privado, é diretamente proporcional à coisificação (*sachlich*) de homens e mulheres. Logo, o fetiche impede que os produtores de mercadoria percebam que são vivos e supostamente independentes das mercadorias por se alimentarem da vida de quem as produziu. Esta invisibilidade dá a falsa impressão que as mercadorias se tornam independentes e por isto dançam no mercado. Franz Hinkelammert fala em “subjetividade das mercadorias”<sup>54</sup> e busca em Marx uma analogia com a religião, na qual os produtos da mente humana parecem dotados de vida própria, como mercadorias fetichizadas. Voltemos a Marx:

<sup>52</sup> HINKELAMMERT, 1981, p. 8.

<sup>53</sup> HINKELAMMERT, 1981, p. 12-13.

<sup>54</sup> HINKELAMMERT, 1981, p. 16.

Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mudo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso chamo de fetichismo.<sup>55</sup>

A partir destas breves considerações teológico-econômicas de Hinkelammert pretendemos facilitar a leitura sobre o fetichismo fazendo um excurso bíblico a partir de Isaias 44. 9-20, no contexto do debate da idolatria.<sup>56</sup>

### 3. Excurso Profético

O carpinteiro cortou cedros, escolheu um terebinto e um carvalho, permitindo que crescessem vigorosos entre as árvores da floresta; plantou um abeto que a chuva o fez crescer. Os homens o empregam para queimar: ele mesmo tomou dela para aquecer-se; pôs-lhe fogo e assou pães. Com outra parte fez um deus e o adorou, fabricou um ídolo e se prostrou diante dele. [...] Com o resto fez um deus – o seu ídolo –, prostra-se diante dele e o adora e lhe dirige súplicas, dizendo: Salva-me, por que tu és o meu deus. Aquele que se apascenta de cinzas, o seu coração ludibriado o desencaminha: ele não consegue salvar a sua vida nem é capaz de dizer: “Aquilo que tenho na minha mão não será apenas mentira?”.<sup>57</sup>

A inserção deste texto profético contra a idolatria não se situa na moderna sociedade capitalista de produção de mercadorias, mesmo que Marx tenha reconhecido na sua crítica à religião que o fetichismo aparece

---

<sup>55</sup> MARX, 2013, p. 147-148.

<sup>56</sup> PIXLEI, Jorge V. Deus julga os idólatras na História. In: A Luta dos Deuses – Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador, p. 67- 92. O texto faz parte de uma coletânea de teólogos latino-americanos que tematizam o caráter idolátrico do mercado e as reações bíblicas anti-idolátrica. BOBSIN, Oneide. Ídolos da Opressão. In: *Proclamar Liberdade XIII – Auxílio Homiléticos*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987. p. 50 -59.

<sup>57</sup> A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.



em sociedades pré-capitalistas. O que não se reflete no texto profético é a inexistência da exploração no trabalho do carpinteiro, de fato autônomo e em relação com a natureza. Assemelha-se ao fetichismo na perspectiva de que o carpinteiro é o produtor de seu ídolo, mesma que a madeira advenha da natureza e o seu trabalho a transforme num valor de uso sem valor de troca. Parte da lenha serve para as necessidades básicas; farta-se e se aquece. Doutra parte nasce um ídolo, sem se dar conta de que ele foi o produtor do objeto que ele adora. A crítica de Marx à religião consistiu em que ela é criação humana. Onde está o fetiche? O carpinteiro foi levado a esquecer-se de que ele produziu o ídolo diante do qual dobra seus joelhos em adoração. Tornou-se invisível a transformação de um objeto em ídolo. “Aquilo que está na minha mão não será apenas uma mentira?” (Isaias 44.20). Desta forma, a crítica profética é anti-fetichista, pois visibiliza o nexos entre a o valor de uso e a fabricação do ídolo, este ainda fora da circulação. Em outras palavras, o que não é utilizado para suprir as necessidades básicas, é apropriado como ídolo, fruto do fetiche.

Com a inserção deste excursus profético nos encaminhamos da análise de Hinkelammert para Enrique Dussel, tendo em vista a análise do fetichismo a partir da obra *Las Metáforas Teológicas de Marx*. Segundo Dussel:

Pouco ou nada foi explorado no assunto que pretendemos expor. Embora pareça paradoxo, é uma questão junto a qual se tem passado de largo desde sempre, mas nunca foi descoberto explicitamente. Penso que era muito improvável que a alguém se lhe ocorresse que o grande crítico da religião pudesse abrir um novo horizonte para [...] a Teologia.<sup>58</sup>

Com esta introdução nos adentramos em alguns aspectos de uma obra onde o fetichismo em Marx é tratado de forma exaustiva e profunda, possibilitando o aprofundamento do assunto já tratado por outros autores acima. Enrique Dussel, que iniciou o seu trabalho de pesquisa sobre o tema em foco neste artigo por volta 1989, refere-se à atualidade

---

<sup>58</sup> DUSSEL, 1993, p. 5.

de Marx justamente no ano em que o muro em Berlim veio abaixo. A queda do muro não foi vista como o fim do marxismo como apregoada por tantos, tanto que Dussel se joga numa pesquisa com fontes originais permitida pelo seu conhecimento da língua alemã. Por exemplo, tem acesso às fontes em que Marx foi tratando da pesquisa por longos anos e que culminará ao longo de décadas, a começar em 1857 e a concluir dois anos antes de morrer, em 1882. O fetichismo da primeira redação de *O Capital* foi a partir de 1857; o fetichismo da segunda redação aconteceu entre 1861-1863; entre 1863-1865 aconteceu a terceira redação e o fetichismo na época da última redação de *O Capital* aconteceu entre 1886 a 1882.<sup>59</sup> Dussel fecha o capítulo sobre as várias fases da redação de *O Capital* citando o discurso inaugural de Marx de 21 a 26 de outubro com as seguintes palavras:

Uma indústria que como vampiro – figura que usará em *O Capital* – deve chupar sangue humano, sobretudo sangue de crianças. Em tempos antigos, o assassinato de crianças era um rito misterioso da religião de Moloch, mas só praticada em ocasiões solenes, quiçá uma vez por ano, e ademais Moloch (não) tinha especial preferências por crianças dos pobres.<sup>60</sup>

Ao mesmo tempo em que Dussel fecha seu capítulo sobre as fases da pesquisa de *O Capital* de forma extremamente crítica comparando o capital como uma divindade que vive do sangue de pessoas, ou melhor de trabalhadores produtores de mercadoria, ele abre um novo capítulo onde o fetichismo é tratado de forma mais densa. Assim, para o nosso objetivo é relevante fazer algumas considerações sobre o fetichismo que parte do geral – fetichismo do capital – para o fetichismo da mercadoria, passando pelo fetichismo das máquinas. O fetichismo, então, é uma totalidade em cujo interior as relações são fundamentais.

<sup>59</sup> DUSSEL, 1993, p. 50-90.

<sup>60</sup> MEW XVI, p. 11 apud DUSSEL, 1993, p. 90. Conf. MARX, Karl. *Manifesto inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores*. Mensagem lida no ato de fundação da Primeira Internacional, em 28 de setembro de 1864. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/manifesto-inaugural-da-associação-internacional-dos-trabalhadores-2/>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

A fetichização do “mundo das mercadorias”, do horizonte da circulação, do mercado, é o que funda a “forma de mercadorias” (Warenform) que a dotam todos os produtos do capital. O caráter fetichista de valor do capital, dinheiro, trabalho assalariado, etc., aparece finalmente e sempre em “o mundo da mercadoria fetichizada” Todo o mistério e a mistificação do fetichismo estriba em negar este princípio fundamental: Na esfera da circulação no (se) gera valor nem plusvalor.<sup>61</sup>

Portanto, a fetichização é total. Afeta o trabalhador e a trabalhadora, as mercadorias, os meios de produção como as máquinas e a força do trabalho, alcançando a circulação. A exemplo do que nos referimos acima quando nos referimos à dança da mesa no mundo das mercadorias, o mesmo acontece com a maquinaria,<sup>62</sup> a qual se apresenta como adversária do trabalhador e da trabalhadora. E quem não se torna mercadoria por falta de trabalho, segundo Marx sobra sendo submetido a um rito sacrificial; uma parte dos trabalhadores e das trabalhadoras são dispensáveis, restando-lhes a condição de reguladores dos salários-mercadorias para baixo: “essa contradição desencadeia um rito sacrificial ininterrupto da classe trabalhadora, o desperdício mais exorbitante de forças de trabalho e as devastações da anarquia social”.<sup>63</sup> Então, a partir da avaliação de Marx da maquinaria nasce a seguinte metáfora teológica:

Isto é, o monstro, o fetiche, tem vida procedente do trabalho vivo, ainda quando morre, conserva a imortalidade de sua alma. É o corpo da máquina o que morre (sua materialidade), mas sua alma (o valor) transmigra (circula) ainda no caso do capital constante ou fixo. Tudo isto é já uma “teologia”, como veremos no capítulo próximo. Transmigra, seja no produto imediato, seja na rotação ampla em todos os produtos. Marx pensa novamente, então nos meios de produção fetichizados como entes divinos, indestrutíveis, imortais, em cujas veias circula o absoluto (o valor absolutizado) não relativo ao trabalho, nem sua condição social, nem a sua essencial intercambiabilidade ou necessidade de realização.<sup>64</sup>

<sup>61</sup> DUSSEL, 1993, p. 120

<sup>62</sup> MARX, 2013, p. 499-574.

<sup>63</sup> MARX, 2013, p. 557.

<sup>64</sup> DUSSEL, 1993, p. 113.

Dussel continua a sua pesquisa abordando as metáforas teológicas em Marx, tema candente em Marx, mas pouco abordado nas ciências sociais em nosso meio. Desta forma, anunciamos a continuidade da pesquisa em outros artigos com variação do mesmo tema: Protestantismo em Marx e sua recepção na América Latina.

#### **4. Considerações conclusivas em perspectivas**

A partir da análise do livro I de *O Capital* de Karl Marx abordamos de forma introdutória a análise dos fetichismos da mercadoria, do dinheiro e do Capital na perspectiva da compreensão do modo de produção capitalista de mercadorias para o qual, segundo a teoria marxiana, o Protestantismo com o seu ‘culto do homem abstrato’ é a religião mais adequada para ocultar a divisão social do trabalho sob a propriedade privada. Assim, nosso objetivo principal consistiu em analisar essa percepção marxiana da religião na fase da elaboração de sua obra máxima de economia política – *O Capital*.

Nesta perspectiva, o artigo se deparou com a análise do fetichismo como uma nova luz sobre a crítica da religião feita em sua fase anterior quando criticava a filosofia hegeliana e o Estado confessional luterano da Prússia, enquanto periodista de um jornal liberal, já que sua postura político-liberal o impedia de acesso à Universidade estatal. Marx não abandonou sua crítica à religião em seus estudos de economia política. Sua análise do fetichismo do Capital como categoria totalizadora, no entanto, pouco se refere às religiões de seu contexto histórico: Catolicismo, Protestantismo nas suas formas luteranas ortodoxas legitimadoras de um Estado confessional e o pietismo como crítica à ortodoxia, além de considerações à religião do mundo grego.

Assim, na fase da análise do fetichismo o interesse situa-se no estudo de uma economia secular que preserva subterraneamente, pelo fetiche como ocultamento, metáforas teológicas do judeu-cristianismo que não fazem de Marx um teólogo, mas um arguto conhecedor do capital como um Deus que devora a vida dos trabalhadores e das trabalhadoras no modo de produção capitalista sob propriedade privada. O Capital é o Moloch moderno e o vampiro que suga o sangue de crianças, mulheres

e trabalhadores produtores de mercadorias, as quais dançam na festa do consumo onde se parecem como objetos vivos e independentes porque nelas estão plasmadas a vida de quem as produziu. Elas são sedutoras, para além do valor de troca e de uso. Certamente a ênfase no modo de produção dos séculos XVIII e XIX dada por Marx, impediu um vislumbre mais aguçado da mercadoria para além do valor de troca e de uso – o valor da ostentação. Compramos para mostrar para os outros e outras.

Ao final deste artigo precisamos reconhecer que há outros pesquisadores<sup>65</sup> e outras pesquisadoras do fetichismo totalizante em nossa sociedade. Em outras pesquisas eles e elas serão considerados e consideradas por desdobrarem a análise do fetichismo marxiano que encampou a sociedade contemporânea na sua totalidade cultural, revelando, assim, os limites das teorias da secularização e seus impactos nas ciências sociais e humanas. Afinal, o mundo secularizado parece ter sido encampado pelo fetichismo da mercadoria, do dinheiro e do Capital. Assim, as religiões e igrejas funcionais ao mercado capitalista prestam uma legitimidade gratuita, desnecessária, pois o capitalismo já produziu a sua própria “espiritualidade” que se assemelha ao bezerro de ouro e à besta do apocalipse<sup>66</sup>. Esta espiritualidade dominante do capitalismo lança uma luz sobre igrejas e religiões funcionais expropriando, pelo Mammón, a dimensão escatológica da diversidade cristã e religiosa, antecipada em Jesus como uma nova realidade, expressa no Pai Nosso: Venha o teu reino.

---

<sup>65</sup> Entre muitos teóricos destacamos teólogos e cientistas das religiões na abordagem do fetichismo do Capital em futuros trabalhos. COELHO, Allan da Silva. *Capitalismo como Religião: Uma crítica a seus fundamentos mítico-teológicos*. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo/SP, 2014. (Tese de Doutorado). SUNG, J. M. *A idolatria do capital e a morte dos pobres*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

<sup>66</sup> RICHARD, Pablo. Nossa Luta é Contra os ídolos – Teologia Bíblica. In: *A Luta dos Deus – Os ídolos da opressão e a busca do Deus Libertador*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 9-38. DUSSEL, 1993, p. 186-224, em cujas páginas o autor cita e comenta vários textos bíblicos usados por Marx como metáforas que renegam a “teologia” sacrificial do capitalismo.

## Referências

- A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. Introducció. In: *Sobre la Religión – Karl Marx – Friedrich Engels*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979.
- BOBSIN, Oneide. Ídolos da Opressão. p. 50 -59. In: *Proclamar Libertação XIII – Auxílio Homiléticos*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987.
- \_\_\_\_\_. Protestantismo em Marx – Economia e Teologia. *Reflexus*, Ano XIV, n. 24, p. 556-571, 2020/2. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/2389>>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- COELHO, Allan da Silva. *Capitalismo como Religião: Uma crítica a seus fundamentos mítico-teológicos*. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo/SP, 2014. (Tese de Doutorado).
- DEPARTAMENTO ECUMÉNICO DE INVESTIGACIONES. Disponível em: <<https://www.deicr.org/>>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- DUSSEL, Enrique. *Las metáforas teológicas de Marx*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1993.
- HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- HINKELAMMERT, Franz. As raízes econômicas da Idolatria: A metafísica do empresário. In: *A luta dos deuses – Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Las Armas Ideológicas de la Muerte*. San José – Costa Rica: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1981. p. 7.
- MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843). São Paulo: Boitempo, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboço da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores*. Mensagem lida no ato de fundação da Primeira Internacional, em 28 de setembro de 1864. Disponível em: <<https://ateraredonda.com.br/manifesto-inaugural-da-associacao-internacional-dos-trabalhadores-2/>>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- \_\_\_\_\_. *O capital – Livro 1. Críticas da Economia Política*. São Paulo: Boitempo, 2013, p 113.

- NETTO, José Paulo. *Karl Marx – Uma Biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- RICHARD, Pablo. Nossa Luta é Contra os ídolos – Teologia Bíblica. In: *A Luta dos Deus – Os ídolos da opressão e a busca do Deus Libertador*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- SUNG, J. M. *A idolatria do capital e a morte dos pobres*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

Submetido em: 03/07/2021

Aceito em: 19/11/2021